

Manifesto Programa da UDP

União Democrática Popular

3 de Janeiro de 1975

Neste momento, de toda a parte procura-se virar as atenções populares para as eleições à Constituinte, como se fosse essa a chave do bem-estar e de uma democracia verdadeira.

A UDP surge para dizer ao povo operário e camponês: Não são as eleições que vão mudar a nossa vida. A igualdade do direito de voto assente nas desigualdades sociais é uma burla. Aqueles que dizem à classe operária que vote e que não se preocupe com o resto são os agentes da burguesia que querem cozinhar tranquilamente as leis que convêm ao capital. Iremos votar, sim, para pôr à prova os partidos e os seus programas, mas não esquecemos que a decisão do nosso destino está na luta contra o capital e que as eleições não são mais do que um episódio nessa luta.

A UDP não vem adormecer-vos com promessas eleitorais mas propor o seu programa de luta porque hoje, como ontem, como amanhã, é a luta de classe a única estrada que conduz os explorados e oprimidos à libertação.

Neste momento, de toda a parte procura-se virar as atenções populares para as eleições à Constituinte, como se fosse essa a chave do bem-estar e de uma democracia verdadeira.

1- O CAPITALISMO RESISTE

A CRISE SOBRE OS NOSSOS OMBROS — A aventura colonial terminou em desastre para os capitalistas, arrastando consigo a ditadura fascista para o lixo. Mas a burguesia, que foi quem nos meteu na guerra, essa não caiu; continua a viver à nossa custa e mais, entende que devemos ser nós a pagar os custos da crise em que lançou o país com a sua avidez de lucro.

Prometem-nos vida nova e maior justiça, mas o que vemos de concreto, passados já 8 meses sobre a queda do fascismo? Duzentos mil desempregados, carestia galopante. ritmos e horários de trabalho cada vez mais pesados — são estas as tenazes com que o capital nos estrangula. A crise avoluma-se de dia para dia e é nas nossas costas que a descarregam. Aquilo que obrigámos os capitalistas a darem a mais no Verão, volta-lhes agora para os bolsos e com juros, por meio da alta dos preços, da campanha da *produtividade* e da redução do emprego. Quem ganha são eles, quem perde somos nós.

A situação dos camponeses continua a ser tão aflitiva como era no tempo do fascismo: os monopólios, os proprietários, os comerciantes, toda a casta de parasitas, vivem à custa do seu trabalho. reduzido-os à fome.

A CAUSA DA INFLAÇÃO É A GANANCIA BURGUESA — Dizem-nos que a crise é o resultado da inflação que alastra em todo o mundo. Mas a inflação não é nenhuma força misteriosa, é a ganância da exploração capitalista que, a cada

aumento de 1\$00 nos salários, carrega nos preços em mais 2\$00 e intensifica o ritmo de trabalho. A inflação é a ditadura do lucro máximo roubando os trabalhadores. Perguntem porque não há inflação na China ou na Albânia. Lá, os preços não sobem; pelo contrário, descem! E descem porque lá não há parasitas a viver à custa dos produtores. Esse é o segredo. Mas os governantes gostam de falar em tudo menos em exploração e por isso inventam explicações confusas sobre a inflação.

A DEMOCRACIA NÃO CHEGOU AS FABRICAS — Antes não sabíamos o que era a «democracia» capitalista. Agora começamos a saber o que é: um regime em que a burguesia sorri e promete para melhor nos arrancar a pele; um regime em que se denunciam as desigualdades para melhor nos convencer a ter paciência; um regime em que os ricos são tão ricos como antes mas juram que não querem privilégios porque são *democratas*.

Certos abusos mais odiosos que vigoravam nas fábricas e nas herdades à sombra do terror da PIDE estão a vir abaixo ao embate da luta operária dos últimos meses; mas o essencial nas relações entre os homens não mudou: apesar da *revolução*, os operários e camponeses continuam a ser máquinas condenadas a produzir mais-valia para sustentar os parasitas burgueses, tal como no fascismo. Como dizem os camaradas têxteis da BARROS: «A democracia não chegou às fábricas; lá fora convencem-nos de que já somos homens livres mas aqui dentro continuamos a ser escravos do capital». Isto é o resumo da democracia burguesa: ditadura da burguesia.

ANTI-MONOPOLISMO É EXPROPRIAR OS MONOPÓLIOS — A actual crise económica é manobrada pelos banqueiros que querem pôr a classe operária de joelhos e demonstrar ao Exército ao governo que devem seguir a política por eles ditada; por isso, desde o 28 de Setembro provocam o desemprego, cortam os créditos e a produção, exportam capitais para o estrangeiro, fazendo chantagem para se assegurarem que das eleições sairá o regime que lhes convém. E o Exército e o governo, desejosos de lhes agradar, apressam-se a satisfazê-los, tentando enganar o povo com frases sonoras.

Com efeito, a *estratégia anti-monopolista*, ultimamente tão apregoada, o que é? Acudir às empresas em falência (BIP, TRAMAGAL, PROPAM, AC-TORRALTA. etc.) para salvar os interesses dos accionistas à custa do Tesouro público, ou seja, à nossa custa; criar empresas do Estado nos ramos que de momento não dão interesse ao capital (minas, transportes, energia); meter na cadeia por 15 dias um ou outro financeiro mais trifulha — será isto uma política anti-monopolista ou será antes consolidar o poder do grande capital em crise, à custa do dinheiro do povo, a quem se tenta enganar? Política anti-monopolista real seria **expropriar os capitais dos monopólios sem indemnização**, mas disso ninguém fala no governo!

A UDP afirma que a *estratégia anti-monopolista* do governo actual está a resultar numa ajuda para o capital financeiro escapar à grande crise que atravessa, pondo o orçamento do Estado ao seu serviço; é isso que significa o programa de «associar o controle do Estado sobre a economia com o

incremento da iniciativa privada»: **isto é capitalismo monopolista de Estado com fachada progressista.**

O PAIS CONTINUA ABERTO AO IMPERIALISMO — Ao mesmo tempo que se fala em *estratégia anti-monopolista*, delegados do governo e do patronato visitam os E.U.A., Alemanha, Inglaterra, França, etc., oferecendo garantias para as multinacionais investirem o seu capital. O ministro Cunhal, que se diz comunista, perde toda a vergonha e suplica o investimento estrangeiro como se pedisse uma esmola a benfeitores.

Mas investimento estrangeiro o que é? É exploração redobrada da nossa força de trabalho, é sujeição dobrada ao imperialismo! Teremos que agradecer que nos apertem mais ainda a canga que levamos ao pescoço?

Dizem que sem o investimento estrangeiro a economia nacional vai abaixo. Já no tempo do fascismo nos diziam o mesmo, é quererem convencer-nos de que só poderemos sobreviver explorados, que não podemos existir livres. Quem precisa do investimento estrangeiro não é o povo trabalhador de Portugal, são os capitalistas e os seus agentes, dispostos a vender o país aos talhões e a alugar os operários como cabeças de gado para poderem prosperar à sombra dos gigantes monopolistas.

A UDP alerta: perdidas as colónias, o grande capital está disposto a vender o país em leilão para garantir a sua taxa de lucro, está disposto a todas as cedências perante o imperialismo, que aproveita a crise actual para amarrar ainda mais Portugal à situação de país explorado.

NOS CAMPOS, TUDO NA MESMA — Todos sabem que Portugal não poderá ser livre e próspero enquanto não for feita uma revolução agrária que dê aos camponeses a Terra e os meios de a tornar fértil. Todos sabem que a classe dos latifundiários e dos proprietários sempre foi um alicerce da reacção e do fascismo. Mas o actual regime *democrático* tem tanto medo de tocar no pilar central do edifício burguês, a sagrada propriedade privada, que nem mesmo esses se atreve a beliscar sequer, embora sejam um estorvo ao desenvolvimento do próprio capitalismo.

Até agora, em matéria de reforma agrária, o regime não conseguiu ir mais longe do que prever o arrendamento pelo Estado dos latifúndios incultos; será mais um bom negócio para os proprietários à custa do orçamento e em nada beneficiará os assalariados e camponeses pobres. Para estes, a perspectiva é **esperar** e o ministro Cunhal já diz claramente que por agora não se põe a questão da reforma agrária. A massa dos camponeses, tal como a classe operária, terá que tirar as suas conclusões sobre os interesses que serve o novo regime.

O REGIME ESTA COM A VELHA SOCIEDADE — Como se explica que nenhum dos cancros que corroem o país fosse até agora atacado e pelo contrário estejam a ser protegidos? O M.F.A. tem dito que não lhe compete fazer alterações à estrutura social do país, as quais só cabem por direito à Assembleia Constituinte. Mas mete-se pelos olhos dentro que se o M.F.A. fosse o movimento popular e revolucionário que diz ser, o seu primeiro cuidado seria

destruir a base social do fascismo, e isto precisamente **antes** de quaisquer eleições, a fim de impedir qualquer hipótese da reacção levantar cabeça.

Falemos claro! Perante a esmagadora engrenagem monopolista-imperialista que sufoca o país só há duas atitudes possíveis: ou se recorre à energia revolucionária do povo para a derrubar, ou se entra na via do compromisso com os inimigos do povo. Os oficiais democratas do M.F.A. atacaram certos ramos podres da nossa sociedade mas não se atrevem a tocar na raiz da podridão, no maior explorador, no maior tirano de Portugal, no causador da miséria e da guerra — **o grande capital**. Por esse motivo põem-se contra os trabalhadores.

OS RICOS QUE PAGUEM! — De todos os lados clama-se à classe operária: «Austeridade! Apoio à reconstrução nacional! Nada de greves!» O Ministério do Trabalho, o partido de Cunhal e a Intersindical até já são elogiados pelas multinacionais, pela maneira como resolvem os conflitos de trabalho!

A classe operária já demonstrou de sobejo o seu apoio ao 25 de Abril, chegando mesmo a oferecer ao governo o fruto do seu trabalho. Agora chegou a altura de dizer: Basta! Os ricos que deem o exemplo de austeridade! Já pagámos a aventura colonial com 13 anos de privações, mortos e estropiados, não vamos continuar a pagar a reorganização dos negócios dos nossos patrões. Falam-nos do *interesse de todos nós*; não sabemos o que isso é. Conhecemos sim os interesses da nossa classe em oposição aos interesses dos exploradores. Se estamos em democracia como nos apregoam a todo o momento, exigimos medidas a bem da maioria e contra a minoria exploradora; essa é que é a prova real de toda a verdadeira democracia e essa prova real ainda não a vimos.

A classe operária não se deixará amarrar eternamente com o papão do caos económico; como assinalam os camaradas da MOMPOR-CUF, é a exploração capitalista e não a luta operária que põe em perigo a economia nacional. Se o dinheiro não chega, pois é muito simples: cortem nos ordenadões dos administradores, nas despesas inúteis de milhões de contos que se desbaratam todos os meses. A classe operária está disposta a lançar-se na luta para forçar os capitalistas a pagarem os custos da crise que eles provocaram como dizem os camaradas da CAMBOURNAC.

2 - O FASCISMO ESTÁ VIVO

SALVADORES DO POVO OU SALVADORES DO CAPITAL? — Fim da PIDE, liberdades, partidos... Há trabalhadores que se admiram ingenuamente pela facilidade com que se sumiu o fascismo porque não medem a enorme derrota sofrida em África pelo exército colonialista e o tremendo golpe aplicado ao capitalismo português pelo triunfo dos povos irmãos das colónias.

Confrontada com um grande desastre militar, político e económico, a burguesia fez um enorme esforço para se adiantar aos acontecimentos e jogou tudo por tudo na audácia, na iniciativa, nas concessões e nas promessas, a fim de não ser varrida com o fascismo. Para não ser derrubada, para convencer o povo a suportar as privações da crise que ela própria cavou, a burguesia não tinha outro remédio senão fazer-se *democrata* por uns tempos.

É certo que o povo ganhou com esta viragem que o livrou da ditadura e por isso deu o seu apoio ao M.F.A. O interesse popular era apoiar e empurrar para diante todas as forças que varriam o lixo reaccionário. Mas neste momento torna-se já claro que a acção anti-fascista do M.F.A. não se destinou a salvar o povo mas a **salvar o capital** da bancarrota e que a sua capacidade renovadora chegou ao fim. Quanto mais se apregoa a *revolução* do 25 de Abril, mais claro se toma que essa *revolução* já deu tudo o que tinha a dar.

É vital para o povo e sobretudo para a classe operária perder todas as ilusões e preparar-se para as duras batalhas de classe que se avizinham.

A «REVOLUÇÃO DAS FLORES» — Embebedam-nos diariamente com as *conquistas da revolução*, procurando convencer-nos de que podemos dormir descansados à guarda do Exército que nos salvou. Mas a autenticidade duma revolução sempre se mediu pela iniciativa revolucionária das massas trabalhadoras, irrompendo na cena política e varrendo sem cerimónia, pela força, os privilégios instalados. Ora, o traço mais marcante da nossa *revolução* foi a forma pacífica, gradual, vinda do alto, como se têm feito as transformações. Cunhal, Soares, Sá Carneiro, de mãos dadas com o Exército, têm-se aplicado a substituir os quadros e estruturas fascistas com o mínimo de solavancos, evitando as convulsões, para não deixar o poder *cair na rua*. De todos os lados nos gritam: «Nada de intolerância! Civismo! Serenidade!» Os cunhalistas então excedem todos os outros no zelo com que sabotam qualquer acção popular e já ganharam o título de «sapadores bombeiros do capital».

Como resultado deste pavor geral pela iniciativa popular, o ataque aos criminosos fascistas-capitalistas foi filtrado, neutralizado, castrado; não se extremaram os campos entre revolução e contra-revolução; a grande vassourada popular foi reduzida a um tímido espanejar de pó e a massa dos fascistas e colaboracionista pôde passar tranquilamente à categoria de respeitáveis *democratas*; o inimigo não foi desbaratado, recuou em boa ordem e pode agora preparar o contra-ataque. Eis os resultados da *revolução das flores*!

VIGILANCIA! — Aquilo que realmente mudou foi muito pouco. Mas à burguesia convém neste momento convencer o povo de que está a avançar a passos de gigante e que é mesmo dono do poder. Daí a demagogia desenfreada com a foice e o martelo, com o socialismo e o comunismo, em que Cunhal é especialista e que está a iludir certos sectores populares; daí as proclamações apresentando o Exército como o povo em armas (no mesmo momento em que os soldados são de novo sujeitos à velha disciplina da caserna e proibidos de reunir e discutir!). Os burgueses lamentam-se que *isto assim vai para o socialismo* e piscam o olho uns aos outros; sabem que lhes convém chorar-se e regatear para darem o menos possível, fingindo que se arruínam. A sua táctica é desarmar o ímpeto popular por meio da demagogia até que a situação esteja suficientemente segura e se possa voltar a falar *a sério*, ou seja, reprimir brutalmente as massas.

A atmosfera parece de tal modo desanuviada que muitos trabalhadores não sentem a tempestade que se acumula no horizonte e caminha velozmente sobre nós.

A UDP alerta: se alguém vos oferecer uma revolução pacífica, podeis estar certos de que é falsa! Meio século de fascismo não pode ser varrido com um pronunciamento militar, umas tantas prisões e umas tantas demissões. Vigilância, camaradas! Na República do 5 de Outubro, também o povo foi *compreensivo* e *tolerante* e por isso acabou por ser amordaçado pelo fascismo. Desta vez poderá ser muito pior!

UNIDADE! — A medida que os trabalhadores manifestam o seu descontentamento pelo caminho que levam as coisas, o Exército e os partidos da coligação procuram tapar-lhe a boca com o apelo: «Unidade para não deitar a perder a liberdade! Quem enfraquece a unidade serve a reacção!» Mas a classe operária já aprendeu a perguntar. Unidade, sim, mas à volta de quem? À volta dos que querem levar a luta anti-fascista até ao fim, ou à volta dos conciliadores, oportunistas e falsos democratas, que têm pena dos pides e não querem saber dos sofrimentos do povo? Unidade para lutar ou para nos rendermos? Para não romper a unidade, teremos que nos pôr de joelhos?

Os camaradas da LISNAVE já definiram em Setembro a táctica que convém à classe operária: «Estaremos com o M.F.A. sempre que ele esteja connosco». Isto quer dizer: Independência operária! Direcção operária! **Unidade à volta da classe operária! É esta a unidade que a UDP defende.**

AS LIÇÕES DE 8 MESES — Nestes 8 meses tivemos mais lições de luta de classes do que em muitos dos anos que passaram.

Vimos como, mesmo depois de se reconhecer derrotada em África, a burguesia não recuou perante novos crimes para tentar salvar alguma coisa da exploração colonial e prepara neste momento novos massacres em Angola, isto dá-nos uma ideia do inimigo feroz que temos pela frente.

Vimos como o M.F.A. ganhou o apoio e simpatia de milhões de trabalhadores pela sua avançada anti-fascista, para logo a seguir usar esse prestígio como dique para conter a torrente popular; isto mostra-nos as duas caras de democracia burguesa, mesmo da que parece mais radical.

Vimos em Setembro, quando uma parte da burguesia julgou a situação madura para voltar ao fascismo, como os democratas burgueses se sumiram pelo alçapão, enquanto os trabalhadores acorriam às barragens nas estradas; isto mostra-nos em quem podemos confiar.

Vimos o partido traiçoeiro de Cunhal agitar a bandeira do comunismo ao mesmo tempo que se senta nas cadeiras do governo, trata de negócios de importação e exportação, fura as greves e persegue os operários revolucionários; isto mostra-nos o inimigo infiltrado no nosso campo.

Chegou a hora de aproveitarmos estas lições para darmos um passo em frente.

A CLASSE OPERARIA TEM UMA PALAVRA A DIZER — Neste momento, a reacção fascista-imperialista, travada pelo povo em Setembro, passou a uma

nova tática: infiltra-se em toda a parte e ganha terreno à sombra dos partidos legais, enquanto as forças chamadas progressistas, receosas das massas e da revolução, fazem equilibrismos no arame para tranquilizar o grande capital e preparam o terreno para passar a uma nova fase.

O grosso da burguesia está a jogar na cartada eleitoral mas se ela não chegar para vergar o povo, tem o golpe terrorista de reserva. É uma hipótese para ter em conta. Durante a campanha eleitoral, com os partidos burgueses disputando furiosamente o controle do aparelho de Estado, numa situação instável que é agravada pela crise do fascismo em Espanha, o imperialismo e o capital financeiro podem lançar-se no golpe.

Nesse novo crime, eles contariam com o apoio não só da escumalha fascista que por aí anda à solta, mas também dos dois cães de fila da reacção: os colonos que preparam um último golpe em Angola, cheios de raiva pelos privilégios perdidos, e os latifundiários, saudosos dos velhos tempos do salazarismo e ansiosos por desforra. Quanto à pequena burguesia, sempre hesitante e cobarde, girando como um catavento. sempre medrosa dos «excessos populares», é incapaz de qualquer oposição séria ao fascismo.

Pela via constitucional ou pela via do golpe, a burguesia prepara-se para reforçar de novo a sua ditadura e encerrar o período de transição aberto pela derrota colonial. **A classe operária, chamando para o seu lado os camponeses e toda a massa do povo trabalhador, deve preparar-se para responder a esta ofensiva que se avizinha. Não queremos que a democracia recue, queremos que avance! E para que ela avance é preciso atacar a reacção. «Democracia aos operários, repressão sobre os reaccionários», apontam os camaradas da LISNAVE.**

3 - O NOSSO PROGRAMA

O NOSSO OBJECTIVO — O programa da UDP é a democracia popular e o socialismo. Queremos acabar com esta sociedade cruel em que o trabalho torna o produtor escravo do que nada faz, queremos construir em Portugal uma sociedade nova donde seja banida a exploração do homem pelo homem e onde a classe operária aliada aos camponeses mande em tudo; uma sociedade em que os bens sociais pertençam ao Estado e o Estado pertença à classe operária, tal como acontece hoje na China e na Albânia. **Nós podemos organizar tudo e dirigir tudo — somos nós que produzimos tudo; não precisamos dos burgueses para nada.** Esta é a grande lição que ainda há pouco nos foi dada mais uma vez pelas camaradas da SIDERURGIA. Lutar pelo socialismo e pelo comunismo é hoje o alvo de todo o trabalhador consciente.

A UDP vê na Democracia Popular a fase inicial da ditadura do proletariado e do socialismo, quando os trabalhadores, tendo tomado o poder, darão as primeiras três grandes machadadas no capitalismo:

- República Popular inteiramente livre para os que trabalhem;
- Expropriação pelo novo Estado dos bancos, monopólios e capital estrangeiro;
- A Terra aos que a trabalham.

A partir daí avançaremos com segurança na edificação do socialismo em Portugal.

O CAMINHO PARA O SOCIALISMO — A UDP não procura conquistar a adesão dos trabalhadores ao seu programa fazendo o rol das regalias que obterão no socialismo. Todo o operário, todo o camponês pobre, é capaz de compreender de imediato que uma sociedade onde não haja exploradores e onde as massas resolvam os seus problemas em verdadeira democracia, uma sociedade sem privilegiados, sem crises e sem inflação, é mil vezes melhor do que a sociedade actual. **Aquilo que a classe operária precisa não é que lhe prometam regalias mas sim de um partido seu que a oriente na via que conduz ao socialismo**; por aí é que se vê se um partido é servidor dos trabalhadores ou é um servidor disfarçado da burguesia.

Enganam a classe operária os cunhalistas e soaristas quando prometem um socialismo em liberdade e por via pacífica, um socialismo por meio do voto, um socialismo sem derrubamento da burguesia e sem **ditadura do proletariado sobre a burguesia**; enganam a classe operária os soaristas e outros social-democratas quando acenam com o avanço para o socialismo por meio da auto-gestão e da co-gestão; enganam a classe operária os que acenam com a possibilidade actual de contrôle popular como faz o MPD-CDE, ou com o contrapoder operário, como faz o MES, ou com os comités operários — órgãos do poder popular na fábrica, como faz o MRPP, os trotskistas e outros falsos revolucionários. Todas essas promessas são ópios para quebrar a combatividade dos operários, desviá-los do seu Partido e da insurreição. O Estado não se democratiza gradualmente nem se toma por dentro — tem que ser destruído para dar lugar a um novo Estado dos trabalhadores. **Não há socialismo nem contrôle nem poder enquanto os operários e camponeses não tomarem o poder à burguesia. Até lá, um só caminho — a luta, a organização, a unidade dos explorados.**

LUTA DE MASSAS — O nosso programa resume-se assim numa palavra: luta de massas! É a acção das massas o grande criador da História e o motor que transforma as sociedades e varre tudo o que é caduco. É na luta de massas contra a reacção que a revolução cresce e progride como um rio caudaloso que nada pode deter. Quando o povo operário e camponês, guiado pelo seu Partido, estiver erguido na luta contra tudo o que é reaccionário, não haverá forças que o impeçam de se tornar dono dos seus destinos. O nosso programa para a democracia popular e o socialismo está pois na **luta popular pelo Pão, pela Paz, pela Terra, pela Liberdade, pela Independência nacional.**

A UDP organiza-se nas fábricas, nos bairros, nas aldeias, para mobilizar os trabalhadores pela luta; não é uma massa amorfa de membros, mas um conjunto organizado de núcleos militantes voltados para a acção diária.

O INIMIGO ENTRE NÓS — Para que cresça a decisão de combate dos operários e camponeses, unidos como um verdadeiro exército de explorados, as suas fileiras têm que ser limpas dos que cá andam a servir a causa inimiga: os que defendem a colaboração com a burguesia, espalham a esperança nas reformas oferecidas de cima, semeiam o pavor perante o inimigo, a dúvida, a

vacilação, a desconfiança, a divisão. Nenhum exército ganha vitórias sem se limpar dos sabotadores.

Esses sabotadores existem entre nós: são os agentes do partido de Álvaro Cunhal, que mostram a bandeira vermelha do comunismo para se fazer passar por nossos e melhor se infiltrarem por toda a parte. Nas fábricas, nos sindicatos, nos quartéis, nas aldeias, eles não param no seu serviço desprezível de sabotadores do movimento operário e camponês, furando as lutas e greves (lembramos a LISNAVE, TAP, EFACEC, CTT, etc., etc.), pondo o movimento a reboque do governo, pregando a via das reformas e do voto — **entregando-nos à burguesia**.

As suas grandes proclamações são como os tambores: fazem muito barulho mas não têm nada dentro. Começam por nos dar muita razão e falar contra as injustiças, mas passada meia hora já não estão a empurrar para a cedência, a esperança, a consolação; gostam de resolver tudo à porta fechada com os chefes, patrões e ministros; furam por toda a parte e querem saber de tudo; são todos sorrisos, boas vontades e palavras camaradas mas caluniam da forma mais reles os revolucionários, chamando-lhes *provocadores, aventureiros ou agentes da CIA*.

Muitos bons camaradas operários e camponeses têm sido iludidos por esta canalha de lacaios do capital e entrado para o seu partido, convencidos de que é um verdadeiro Partido Comunista; devemos abrir-lhe os olhos antes que se estraguem lá dentro. Àqueles que se desorientem com o palavreado marxista dos cunhalistas, devemos mostrar que o marxismo começa por uma coisa muito simples: **ódio de classe à burguesia** – e isso é o que eles não têm.

Ultimamente, descobriram mais um argumento para quebrar a luta: «Estejamos calmos — dizem — porque se os americanos boicotarem a nossa economia, os barcos russos virão acudir-nos; se os americanos ameaçarem a nossa liberdade, os russos virão defender-nos.» Como se nós não soubéssemos que os dirigentes actuais da URSS são tão *comunistas* como Cunhal! Depois que renegaram Staline e criaram uma nova classe privilegiada que oprime os operários e camponeses, eles deixaram de se importar com as lutas dos povos: o que querem é dominar o mundo de sociedade com os imperialistas americanos.

Camaradas: estejamos vigilantes contra os agentes da burguesia que usam a bandeira comunista!

O LUGAR DA UDP — A UDP surge como uma frente destinada a unir todos os que querem tomar parte na luta pela democracia popular e o socialismo. Se não foi possível até agora reunir numa única organização todos os que defendem esse objectivo, temos consciência de que não poupámos esforços para isso. Continuaremos a trabalhar pela unificação de todo o campo revolucionário popular numa frente única; é isso que exigem os interesses da revolução e todos os operários conscientes. A nossa prática demonstrará a nossa sinceridade.

Sabemos contudo que os progressos na ampliação da unidade popular revolucionária serão limitados enquanto não ressurgir em Portugal o **Partido**

Comunista, o glorioso partido operário de José Gregório, Militão Ribeiro e Alex. Esse partido, cujo nome o traidor e renegado Álvaro Cunhal hoje usa abusivamente, só esse partido poderá ser o guia do proletariado para a revolução, o alicerce seguro da frente popular e da mais larga unidade. Na sua reconstrução se concentram actualmente os esforços das organizações marxistas-leninistas, de todos os operários conscientes, de todos os que servem a classe operária. A ausência do Partido Comunista acumula enormes perigos sobre o povo português no momento actual; assim que ele apareça, daremos grandes passos em frente na via da revolução.

A UDP não pretende de forma nenhuma substituir-se a esse partido mas ajudar pela sua acção a reunir as condições para que ele ressurgja no mais breve prazo.

4 - A LUTA IMEDIATA

A NOSSA POLÍTICA NA FÁBRICA

- Não queremos acabar com os monopolistas *maus*, queremos acabar com todos!
- O salário mínimo nacional de 3.300\$00 não chega! Lutemos por aumentos!
- O vosso horário de 48 horas é falso! Queremos um salário que nos baste sem termos de nos sujeitar à canga das horas extraordinárias! Não somos máquinas!
- Contra as prepotências do capital, usemos a greve. Fora a lei anti-greve! O direito à greve conquista-se pela greve!
- Levantemo-nos em cada fábrica contra os despedimentos dos nossos camaradas!
- Organizemos manifestações de rua dos desempregados! Servimos para vos dar lucros toda a vida, não aceitamos ser tratados como farrapos que se põem à margem. Queremos Trabalho!
- Abaixo a campanha para as 50 horas semanais! Lutemos pela redução dos horários, que dará trabalho a milhares de desempregados!
- Fora com os bufos e carrascos que nos perseguem o dia inteiro como chicotes do patrão! Os bufos do patrão são tão fascistas como os da PIDE!
- Contra a escada sem fim das categorias, contra os prémios e a concorrência que atira os operários uns contra os outros! Redução do leque de salários!
- Contra a exploração desenfreada das mulheres e jovens! Salário igual a trabalho igual! Protecção à mulher trabalhadora!
- Pela conquista efectiva do 13.º mês, contra os envelopes-mistério aos chefes e engenheiros!
- Pelos 30 dias de férias com subsídio por inteiro!

- Não nos ofereçam a *auto-gestão* e a *co-gestão*; tomaremos *responsabilidade* pela produção quando formos donos de tudo; agora não caímos na armadilha de cuidar dos vossos lucros!
- Garantia de trabalho todo o ano para os assalariados! Sindicatos livres!
- Anulação imediata das rendas, foros e parcerias para os camponeses pobres, passando a ser donos das terras que cultivam! A Terra a quem a trabalha!
- Acabem com os impostos, multas e alcavalas sobre os camponeses pobres!
- Extinção da GNR! Julgamento público dos criminosos da GNR!
- Baixa imediata dos preços dos adubos e alfaias! Créditos do Estado aos camponeses pobres, não aos ricos!
- Acabem com os intermediários que nos levam as colheitas a preços de miséria!
- Anulação das dívidas aos usurários!
- Associações livres para os camponeses pobres, onde não tenham entrada os doutores e proprietários!
- Regresso dos baldios à posse das aldeias a quem foram roubados!

A NOSSA POLÍTICA NA CIDADE

- Abaixo a carestia! Organizemos manifestações de rua contra os intermediários, os especuladores e a alta de preços!
- Repressão aos senhorios especuladores! Casas sim, barracas não!
- Que a administração da Previdência passe para o controle dos sindicatos, a quem foi roubada pelo fascismo! Medicamentos gratuitos, subsídios de doença e acidente por inteiro, reformas e pensões decentes. Já basta de sustentar parasitas à custa do nosso dinheiro!
- Que os impostos que pagamos para o Estado sejam gastos em casas baratas, transportes decentes, serviços de ensino e de cultura; fora com os tubarões que vivem à custa do orçamento! O dinheiro é nosso!

A NOSSA POLÍTICA SINDICAL

- Unidade sindical — Central Única — contra os sindicatos de amarelos formados pelos patrões para dividir a classe!
- Fora com os chefes reformistas dos sindicatos e da Intersindical que traem a classe! Ponhamos em marcha um movimento para eleger para as direcções sindicais trabalhadores que sirvam a classe e lhe prestem contas!
- Queremos sindicatos de classe, não queremos sindicatos de operários, chefes e burocratas! Fora com a caldeirada de classes!
- Toda a liberdade para as assembleias operárias de fábrica e para as comissões de delegados sindicais! Democratizemos as comissões de delegados e expulsemos de lá os burocratas reformistas que as controlam!

A NOSSA POLÍTICA NO CAMPO

- A Reforma Agrária começa pela ocupação dos latifúndios pelos assalariados! Acabem com as coutadas e aramados! Fora com a ALA, quartel-general dos lavradores!
- Garantia de trabalho todo o ano para os assalariados! Sindicatos livres!
- Anulação imediata das rendas, foros e parcerias para os camponeses pobres, passando a ser donos das terras que cultivam! A Terra a quem a trabalha!
- Acabem com os impostos, multas e alcavalas sobre os camponeses pobres!
- Extinção da GNR! Julgamento público dos criminosos da GNR!
- Baixa imediata dos preços dos adubos e alfaias! Créditos do Estado aos camponeses pobres, não aos ricos!
- Acabem com os intermediários que nos levam as colheitas a preços de miséria!
- Anulação das dívidas aos usurários!
- Associações livres para os camponeses pobres, onde não tenham entrada os doutores e proprietários!
- Regresso dos baldios à posse das aldeias a quem foram roubados!

A NOSSA POLÍTICA ANTI-FASCISTA

- Activemos as assembleias de trabalhadores para correr com os fascistas! O saneamento em gabinete é uma burla! Contra a dança dos saneados a saltar duma empresa para outra!
- Nem mais um fascista para a rua! Julgamento para os pides, à vista de todos e já!
- Contrôle popular sobre o desmantelamento da PIDE e das organizações fascistas! Os arquivos da PIDE não são propriedade de nenhum partido, devem ser destruídos!
- Contra as perseguições à Imprensa popular! Supressão da imprensa fascista!
- Contra a repressão nos quartéis! Liberdade para os soldados presos! Direito de reunião e de organização para os soldados e marinheiros! Abaixo o RDM fascista!
- Contra as restrições à liberdade de reunião. de associação e de manifestação!
- Abaixo a nova polícia Territorial, que é uma máquina aperfeiçoada para reprimir o povo!
- Não consentiremos que os fascistas votem nas eleições!
- Criemos por toda a parte grupos anti-fascistas UDP para activar a luta e a vigilância popular!

A NOSSA POLÍTICA ANTI-COLONIAL

- Vigilância popular contra o golpe reaccionário que preparam os colonos de Angola! Desarmamento dos colonos. Alertemos os soldados contra a campanha para os levar a intervir contra a independência de Angola, a pretexto de «evitar uma guerra civil»!
- Aceleração do processo de entrega do poder aos movimentos de libertação!
- Contra as manobras neocolonialistas de sociedade com o imperialismo, nas costas dos movimentos de libertação!
- Regresso de todas as tropas cuja presença não seja pedida pelos movimentos de libertação!

A NOSSA POLÍTICA ANTI-IMPERIALISTA

- Nem NATO nem Pacto de Varsóvia! Não precisamos cá de bandos de espiões americanos e russos à sombra das embaixadas. Rua!
- Os americanos, alemães, ingleses e franceses fora das bases em território nacional: Lajes, Ovar, Beja, Montijo, Marco do Grilo, Tróia e Flores.
- Denunciemos a partilha do mundo pelas duas super-potências, que conduz às guerras de agressão e a uma 3.^a guerra mundial!
- Aliança de Portugal com os países do 3.^o Mundo para se defender da exploração e da agressão do imperialismo americano, do imperialismo europeu e do social-imperialismo russo!
- Apoio aos povos espanhol, brasileiro e chileno em luta contra o fascismo! Apoio a todos os povos oprimidos e explorados pelo imperialismo!
- Corte de relações com a Formosa, reconhecimento da República Popular da China!
- Fortalecimento dos laços de amizade entre o povo português e os povos da China, Albânia, Coreia e Vietname!

APELO!

Camarada operário! Camarada camponês!

Camaradas soldados e marinheiros!

Empregado, estudante ou intelectual que desejas servir a causa do povo!

Este é o nosso programa de luta.

Precisamos da tua adesão à UDP, do teu trabalho organizado num núcleo UDP, da tua acção na fábrica, no sindicato, no bairro, na herdade, no quartel, para ajudar a consolidar o bloco popular revolucionário! Precisamos da tua ajuda financeira para divulgarmos o programa UDP! Precisamos do teu voto nas eleições, para dar a conhecer que existe uma corrente popular revolucionária em Portugal.

Ajuda-nos a pôr de pé a UDP, a frente combativa dos explorados e oprimidos!

Ajuda-nos a dar novo impulso à luta popular durante a próxima campanha eleitoral e para além dela!

Ajuda-nos a tornar mais próxima a reconstrução do Partido Comunista, a vanguarda organizada da classe operária destinada a conduzir o nosso povo ao derrubamento do capitalismo!

Viva a classe operária! Viva a aliança operária camponesa!

Viva a Democracia Popular e o Socialismo!

Em frente com a UDP!

Lisboa, 3 de Janeiro de
1975.

A COMISSÃO
PROMOTORA DA UDP

*Agostinho Fernandes
Palma*

*Angelo Moreira
Lourenço Rodrigues*

*Dionísio João da Silva
Lopes*

Eduardo da Silva Pires

João Pulido Valente

José Manuel Andrade

Luz

José Pisco

Secundino António

Ribeiro

Vladimiro Marques

Guinot